

De vida nova, Pega Vida é o novo CD do Kid Abelha

Pega Vida é o título do novo disco do Kid Abelha. O trabalho sucede o grande êxito do CD anterior, em que a banda apresentava seus hits em versão acústica. Agora, é a vez de canções inéditas. Além do álbum, o Kid preparou ainda para os fãs um DVD gravado ao vivo. É o que a vocalista Paula Toller conta em entrevista para o Vida & Arte.

Movimentação na colmeia. Após dois anos na estrada, em turnê do disco Acústico MTV - um apanhado de seus hits em versão desplugada -, o Kid Abelha volta a apresentar repertório inédito. Pega Vida é o título do CD, em que novamente a banda conta com a produção do inglês Paul Ralphes. O projeto é ambicioso: além do álbum inclui também um DVD gravado ao vivo, que traz a participação do músico e surfista norte-americano Donavon Frankreiter. O disco já está chegando às lojas de todo o País, mas, para ver o show em DVD, os fãs terão que esperar até junho. Quem informa é a vocalista Paula Toller, que conversou com o Vida & Arte por telefone, direto de sua casa, no Rio de Janeiro.

Paula conta como foi o processo de elaboração do novo trabalho, comenta a relação da banda com sua gravadora - a Universal Music - e reconhece os planos do Kid em tentar emplacar também no mercado internacional. O convite para que Donavon cantasse com eles já é um sinal desses novos caminhos que podem ser trilhados pelo grupo. A vocalista ainda revela que vive trocando figurinhas musicais com o filho, Gabriel, de 15 anos: "De vez em quando, eu dou uma olhada no iPod (aparelho que armazena músicas em mp3) dele".

O POVO - Vocês lançaram o Acústico MTV em 2002 e ficaram um bom tempo em turnê com o disco. Como foi o processo de elaboração do novo álbum? As composições foram feitas durante esse período mesmo ou vocês pararam exclusivamente pra isso?

Paula Toller - Olha, no final da turnê, a gente começou a compor as músicas, mas já diminuindo o ritmo de shows. Então, a partir de outubro de 2004, a gente começou a trabalhar nas demos, nos arranjos e foi diminuindo gradativamente até janeiro, quando foi encerrada completamente a turnê e a gente já estava num processo bem forte com o disco.

O POVO - E tinha muito material? Vocês tiveram que garimpar o melhor pra colocar no novo disco?

Paula Toller - Quando a gente parou de viajar tanto pra começar a compor, eu e o George (Israel, saxofonista) ficamos na nossa tabelinha tradicional, que é eu fazendo as letras, mandando pra ele, ele me mandando a ideia de música de volta. E a gente se encontrava e trabalhava, burilava aquela composição, a letra, a música, botava, cortava... enfim, um trabalho artesanal mesmo de você ter uma letra que parece que nasceu para aquela melodia e vice-versa. A partir daí, com oito músicas já compostas, a gente já se reuniu com o produtor Paul Ralphes, ouvindo as músicas em voz e violão e começou a trabalhar nos arranjos, com o Bruno (Fortunato) na guitarra, com a banda, e vendo o que era mesmo adequado pra cada música, trabalhando no dia-a-dia das canções, que foram todas compostas muito próximas da gravação do disco. A gente não gosta de ficar pegando coisas antigas. Eu prefiro que as músicas de um disco saiam bem frescas, bem atuais. Se tivesse que fazer 30 músicas, eu faria. É só me dar tempo e eu sento aqui no meu escritório, com meus livros, meus dicionários, minhas pesquisas, minha internet, que não tenho nenhuma fantasia em relação à inspiração divina que precisa vir e tal, não. Eu sento e trabalho nas coisas que tenho anotadas, que me inspiram, me movem.

O POVO - Você falou aí na dobradinha que faz com o George. E o Bruno, onde ele entra nesse trabalho? Porque é difícil ver composições dele.

Paula Toller - O Bruno é um grande guitarrista, um dos melhores do Brasil, e da nossa geração certamente é um dos três melhores. A gente, às vezes, faz algumas músicas, inclusive pra esse disco agora, que acabaram não entrando no repertório final. Mas a gente tem parcerias com ele, desde "Lágrimas e Chuva" até "Todo Meu Ouro"... enfim, tem algumas músicas. Mas a parceria forte do Kid Abelha, que se consolidou é minha com o George mesmo.

O POVO - Você e o George também foram os únicos que lançaram discos solo. O seu saiu já tem algum tempo (1997), o do George é recente. Você tem projeto de um novo trabalho solo?

Paula Toller - Não, não tenho nada planejado em termos de data nem nada. É uma coisa que eu tenho total liberdade pra pensar, na hora que der vontade. E são coisas

que caminham paralelas à carreira. Só quando realmente tem um estímulo muito grande pra fazer alguma coisa diferente do Kid Abelha.

O POVO - A banda existe há mais de 20 anos. Qual o segredo da permanência do Kid? Afinal, das bandas que surgiram nos anos 1980, pouquíssimas se mantiveram - vocês, os Paralamas, Ira!, Titãs.

Paula Toller - Só os bons, né? (risos). Olha, o segredo é trabalhar muito na qualidade das músicas, na qualidade da apresentação ao vivo e no frescor do repertório. Ou seja, trabalhar pra ser o melhor. E os que estão aí é porque são os melhores e têm alguma coisa diferente dos outros pra dizer, cada um com uma personalidade bem definida. Então, o público reconhece isso e continua acompanhando.

O POVO - Ainda sobre essa questão de tempo de estrada, como se faz pra manter o pique depois de tanto tempo trabalhando juntos? Como evitar que isso fique uma coisa meio burocrática?

Paula Toller - Nessa questão, a gente faz o que é mais sensato: se dedica muito às tais coisas importantes, ou seja, tudo que é relacionado à música. E quanto às outras coisas, procuramos ter pessoas muito competentes pra fazer pela gente. Claro que com o nosso acompanhamento. Mas é isso: nunca perder o foco da música, que é daí que vem tudo, que parte tudo, seja o sucesso, seja o não-sucesso. É o que vai gerar show, venda de disco, nosso futuro nessa carreira... Enfim, não tem nenhum segredo, é trabalhar no que a gente pode controlar, porque o sucesso é uma série de coisas que acontecem e você não controla. A única coisa que você controla é ter um bom trabalho, um bom disco, músicas com personalidade, com opinião, com polêmica, músicas que possam se tornar populares e que tenham a ver com o nosso estilo, que a gente não esteja copiando nada.

O POVO - Com a facilidade de acesso à música gerada pela internet e outros dispositivos eletrônicos, muita coisa tem mudado na relação entre artistas e gravadoras. Tem gente saindo de grandes companhias pra tentar um caminho mais independente. Como o Kid Abelha se situa nesse cenário?

Paula Toller - Olha, nós temos uma relação muito boa com a Universal. Eles apoiaram esse projeto, vestiram a camisa, inclusive comparecendo com verbas bastante

exageradas pra hoje em dia, num trabalho de músicas novas, ainda não conhecidas, tanto que a gente está preparando aí - já foi gravado - um DVD ao vivo com as músicas do disco. E eles estão participando, entusiasmados. Conhecem o Kid, respeitam o Kid, sabem que somos uma banda autoral, que faz as próprias músicas, que interfere em tudo, desde a escolha da música de trabalho até a capa do disco, a maneira como vai ser feita a propaganda do disco, o comparecimento em programas de televisão. Então, a gente se dá bem e, enquanto isso acontecer e tiver um diálogo legal, a gente fica com eles, são nossos sócios.

O POVO - Queria que você falasse um pouco mais sobre esse DVD. O show foi só pra convidados? Como aconteceu tudo?

Paula Toller - A gente gravou todas as músicas do Pega Vida num show ao vivo, com público. E também tem algumas músicas a mais. Vai ser uma surpresa. Tem a participação especial de um convidado internacional. Sai em junho.

O POVO - E a turnê quando sai?

Paula Toller - Já estamos fazendo alguns shows de pré-temporada, colocando as músicas novas aos poucos. E também ensaiando arranjos novos pra músicas antigas. Tem muita novidade legal no próximo show.

O POVO - Você falou aí num convidado internacional no DVD. Inclusive, o Kid chegou a lançar um disco totalmente em espanhol. O mercado estrangeiro ainda é projeto da banda?

Paula Toller - Isso é uma das coisas que a gente gostaria ainda de conseguir. E acho que com as gravações em inglês que fizemos talvez seja uma maneira de mostrar nosso trabalho lá fora. Porque a gente recebe e-mails de pessoas da Hungria, do Japão, que ouvem e gostam do Kid Abelha. Então, é uma coisa que, mesmo com a dificuldade da língua portuguesa, emociona, mexe com as pessoas. Por isso, talvez a gente comece aí a dar umas viajadas, estamos bem animados quanto a isso.

O POVO - No disco novo tem umas duas ou três faixas que soam meio britpop. O que vocês andam escutando e se isso influencia no som da banda? Pergunto até porque o próprio release do álbum cita grupos como Franz Ferdinand, Scissors Sisters...

Paula Toller - Bem, às vezes quando você escuta músicas que estão te empolgando no momento tem alguns detalhes que você resolve usar e tal. Mas, em geral, nosso trabalho parte mesmo das composições minhas e do George. Agora, eu ouvi muita coisa legal nesses últimos tempos, principalmente o disco dos Scissors Sisters que, antes mesmo de ganhar prêmios, ter ficado famoso, um amigo meu me mostrou, comprei e pirei. O disco é sensacional do começo ao fim. E apliquei todo mundo aqui em casa também, todo mundo virou fã. É uma banda de Nova York muito boa mesmo. E nos animamos, porque eles também têm muita influência de new wave, Pink Floyd, Elton John, é tudo tocado, não é programado. E a gente tava na fissura de fazer um disco todo tocado, que pudéssemos sair do estúdio para o show direto, sem ter que cortar isso e aquilo. Então, o Pega Vida parece um disco de início de carreira. Acho que isso que você chama de britpop tem a ver com essa simplicidade, com essa coisa direta, os arranjos com os riffs e melodias muito definidos, sem muito enfeite, sem muito floreio.

O POVO - Já que você anda influenciando o gosto musical de sua casa, gostaria de saber se o contrário também acontece. O Gabriel (filho) e o Lui (Faria, marido de Paula) andam te mostrando artistas e bandas interessantes?

Paula Toller - Ah, mostram, sim. Toda essa coisa do rock atual o Gabriel traz pra casa, porque ele adora. Então, ele já era fã do Jack Johnson e do Donavon Frankreiter antes de eu conhecer. Quem me mostrou o disco do Donavon foi ele. Aliás, o Donavon é o nosso convidado do DVD. Então, de vez em quando eu dou uma olhada no iPod do Gabriel (risos).

Por Christiane Viana
(publicada em um especial para O Povo)